

WERNER SCHRÖR LEBER

NOTAS SOBRE DESEJO E VONTADE NA FILOSOFIA DE SCHOPENHAUER

PALAVRAS INICIAIS

As palavras que seguem são ainda incipientes, representam minhas leituras recentes em função deste Fórum de Filosofia Contemporânea II e, certamente, não servem para esclarecer em detalhes conceitos complexos como Tempo, Corpo e Representação que estão na densa filosofia de “*Die Welt als Wille und Vorstellung*”. Não que não tivesse tal pretensão. A tenho. Schopenhauer o mereceria, mas minha limitação, minha ignorância filosófica e a enormidade que isso representa tornam a tarefa penosa, até mesmo para seus melhores e dedicados intérpretes, imaginem para um pobre professor de filosofia como eu, longe dos melhores centros de estudo sobre a questão. Assim, pois, meu texto é apenas uma aporia, uma frincha ainda crua de algumas coisas que só o tempo e a angústia podem me clarear. É apenas um exercício amador de alguém que percebeu a profundidade em que a filosofia de Schopenhauer atinge os problemas em que se encontrava a tradição de pensamento ocidental, da qual a filosofia sempre se portou como guardiã. Pois, já de princípio Schopenhauer reverberou em mim, ou seja, já assim nas primeiras páginas, sinto-me, assim pelo menos imagino, como Nietzsche, quando leu os textos deste sofrido e excepcional pensador, ou seja, um deslumbrado, alguém que agora encontra sentido para aquilo que antes era só trevas e obscurantismo. E isso é o que Schopenhauer tem de grande: fala de coisas simples, circundantes, mas que foram negligenciadas por nós por estarmos por demais convencidos de nossas verdades e da capacidade de nossas ciências. E não é essa, afinal de contas, a verdadeira tarefa da filosofia? Não é isso que a Coruja de Minerva faz enquanto os que dormem contentam se em achar que os problemas, uma vez resolvidos, para sempre resolvidos estão? Com uma frase simples como “*o mundo é minha representação*” (SCHOPENHAUER, 2011, p. 09)¹, que não seria mais do que uma frase banal se dita por um semiletrado como eu, torna-se, em Arthur de Schopenhauer, uma obra de filosofia singular, iluminada, cheia de beleza, de profundidade incomensurável, de erudição sofisticada e irreparável.

O SENTIDO DA REPRESENTAÇÃO

Assim escreve o comentador inglês sobre a filosofia de Arthur Schopenhauer, traduzido pelos comentadores portugueses para o Português europeu, trecho de texto que cito abaixo:

Para cada um de nós, o corpo é o ponto de partida para a percepção do mundo; conhecemos os outros objectos pelos seus efeitos uns nos outros, por meio do princípio da causalidade, captado pelo entendimento. O entendimento é comum a homens e animais, porque os animais também percebem os objectos no espaço e no tempo, e por isso também eles devem aplicar a lei da causalidade; na verdade, a sagacidade animal ultrapassa por vezes o entendimento humano. Todavia, os utilizadores humanos da linguagem têm não só entendimento mas também razão, isto é, conhecimento abstracto incorporado nos conceitos; por causa disso, o homem ultrapassa largamente os outros animais em poder e também em sofrimento. Os animais só vivem o presente; o homem vive também o futuro e o passado. (KENNY, 1999, p. 402)

¹ Die Welt ist meine Vorstellung.

A meu ver, que é certamente, como disse acima, um ver inconsistente e cheio de lacunas pela enorme ignorância que paira sobre mim quando o assunto é a filosofia de Arthur Schopenhauer, a filosofia deste pensador antevê algumas premissas que depois ficariam melhor delineadas na filosofia de Husserl e seus seguidores, naquele Programa da Fenomenologia de Husserl que tomará o *Mundo da Vida* (Lebenswelt) como ponto originário de toda crítica do saber, já tinha suas bases em Schopenhauer. Não estou a dizer que Husserl e Schopenhauer tinham propósitos iguais, mas ambos criticam o dogmatismo Kantiano de Espaço e Tempo. Ambos criticam Kant por um motivo: Espaço e Tempo não são coisas, mas apenas fenômenos representativos, que tanto Schopenhauer quanto Husserl analisaram com argumentos distintos. O aspecto citado acima, vai em uma direção diferente do da filosofia de Kant. Conforme nos informa Schopenhauer, Kant está certo quando descreve a objetividade do **A PRIORI**, que é justamente o que permite juízos analíticos como o são os da geometria e da matemática.² E esse **A Priori** é, em suma, Tempo e Espaço, que Kant deduz da física de Newton, de quem era admirador, e a aplica à sua filosofia criticista. Pretendia, como isso, superar, a filosofia inatista de Platão e Descartes e a empirista de Aristóteles e os modernos Locke e Hume. Como bem sabemos, o **A PRIORI**, é a condição da sensibilidade, ou seja, é aquilo que permite o conhecimento sensível a que Kant chama **A POSTERIORI**. É como se houvesse uma grande moldura dentro da qual o conhecimento empírico se desenvolve, isto é, os juízos sobre os objetos. Mas o aspecto corpo e diferenciação é retomado por Scheler, naquele livrinho “A posição do homem no Cosmos”. Cito uma passagem desta obra que, aos meus juízos simples e precários, encontra-se próximo à visão que Schopenhauer proclama quando diz que *o mundo é minha representação*. O texto de Scheler vai assim:

O novo princípio encontra-se fora de tudo isto que podemos denominar “vida” no sentido mais amplo possível. O que torna o homem *homem* não é um novo estágio da vida – com maior razão tampouco apenas um estágio de uma forma de manifestação desta vida, da *Pysche*. Ao contrário, ele é **um princípio oposto a toda e cada vida em geral, também à homem no homem**: um fato autenticamente novo que não pode ser absolutamente reduzido como tal à “evolução natural da vida”, mas, se é que pode ser reduzido a algo, apenas ao fundamento único e supremo das coisas mesmas. Deste fundamento a “vida” é **uma** grande manifestação (SCHELER, 2003, p. 35).

Sobre o véu que apenas nos “aparenta algo”, isto é, que nos dá a sensação ou impressão de existe algo além do alcance do que temos no mundo com nosso corpo, conforme Schopenhauer pensa, cabe o seguinte trecho que cito do historiador da filosofia, o britânico Anthony Kenny, que tenho em versão portuguesa europeia. Vai assim:

Os três grandes dons que a razão dá aos homens são o discurso, a deliberação na acção e a ciência. A importância do conhecimento abstracto ou racional reside na possibilidade de ser partilhado e conservado. Para fins práticos, o simples entendimento pode ser preferível: «de nada me serve saber em abstracto o ângulo exacto, em graus e minutos, com que devo aplicar uma lâmina de barbear, se não o so uber intuitivamente, isto é, se não o sentir». Mas quando é precisa a ajuda de outros ou uma planificação a longo prazo, o conhecimento abstracto é essencial. E a conduta só pode ser ética se for baseada em princípios, que são abstractos. Nada disto é muito diferente de Kant. Schopenhauer apenas critica Kant por ter aceitado com falta de determinação que o mundo só é um objecto em

² SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Por exemplo, páginas 12-15

relação a um sujeito e por insistir na existência de uma coisa-em-si por detrás do véu da aparência. É na sua apresentação do mundo como vontade, no segundo livro, que Schopenhauer mostra a sua originalidade. Schopenhauer começa por considerar a natureza de ciências como a mecânica e a física. Estas explicam os movimentos dos corpos em termos de leis, como a da inércia e a da gravitação. Mas estas leis falam de forças cuja natureza interna fica completamente por explicar. «A força em função da qual uma pedra cai para o chão ou um corpo repele outro é, na sua natureza interna, não menos estranha e misteriosa que a que produz os movimentos e o crescimento de um animal.» Os cientistas e os filósofos nunca podem chegar à verdadeira natureza das coisas a partir de fora: são como pessoas que andam à volta de um castelo procurando em vão uma entrada e contentando-se em fazer um esboço da sua fachada. (KENNY, 1999, p. 402-403)

Cada vez mais me convenço de que Schopenhauer quis, grosso modo, contrapor-se ao dogmatismo científico que rondava a filosofia europeia do século XIX, advindo justamente da crítica de Kant aos juízos, com quais pretendeu delimitar o conhecimento científico. A separação kantiana entre o que se pode pensar e o que não se pode pensar por lhe faltar um objeto empírico, é a crítica de Schopenhauer. O dualismo kantiano, tentando preservar a metafísica e o valor profundo do sagrado, acabou descambando para o que Kant não queria: a desvalorização do religioso e sua significatividade em face das operações práticas e calculistas de ciência de Bacon e seus sucessores. Schopenhauer entende a tentativa de Kant, mas aponta o erro de tal tentativa. Para Schopenhauer, o mundo pode até ter essas duas dimensões, mas não na ordem que que Kant colocou a questão. O mundo metafísico e místico é o que há de mais profundo na razão. Desse modo, a razão não é exatamente esclarecimento e conceituações técnicas, mas justamente o contrário: a razão é intuição, sabedoria. Sem o dizer abertamente, Schopenhauer sabe que o problema de Kant é o cristianismo protestante e petista, no qual ele vivia. E dessa relação de Kant com a tradição cristã protestante e a filosofia, resultou o erro kantiano, qual seja, criar duas esferas do pensar e não atribuir suficiente racionalidade a um dos lados por este ser mais uma questão de fé que de razão. Eis o erro!

Se há aspectos orientais em Schopenhauer, como me parece bastante notório agora que haja, eles surgem para apontar que a filosofia ocidental e cristianizada não é em nada superior a outras tradições. O mundo é representação, um manancial subjetivo (que Husserl e Merleau-Ponty depois chamarão *Intersubjetivo*, se é que minha comparação pode ser feita de algum modo). Se minha visão da leitura parca que até agora pude fazer de Schopenhauer tiver alguma procedência, quero crer que foi exatamente esse aspecto, o aspecto que valoriza o pensamento oriental, que despertou em Nietzsche a aversão às verdades ocidentais e sua crítica ao sistema moral ocidental, como se pode ler em “A genealogia da moral”, “A gaia ciência”, e em textos como “Verdade e Mentira no sentido Extramoral”, para ficar apenas em alguns poucos exemplos.³

A Representação (*Vorstellung*) “*Die Welt als Wille und Vorstellung*” encontra-se alinhada às perspectivas que demarcam a diferença “essencial entre ser humano e animal”. Seria muito estranho se Schopenhauer não reconhecesse essa diferença elementar. É claro que as reconhece como também sabe que existem verdades de fato, como as da matemática e as verdades das ciências empíricas, que dependem sempre da experiência sensível e da verificação (SCHOPENHAUER, 2013). Mas a diferença não permite classificar o ser humano como superior e melhor, outro erro da tradição filosófica

³ Bem, deixemos por ora de lado a questão do mérito de Nietzsche no que diz respeito à sua visceral crítica às verdades ocidental-apolíneas e os ataques que, a partir dessa crítica, fez ao cristianismo, considerando essa tradição religiosa como moral de fracos, de ressentidos, enfim, moral de rebanho.

cristã. Em Scheler isso surge como “Espírito” e em Schopenhauer como “Representação”. A relação entre os objetos é distinta diferente no homem quando se o compara a outros animais.⁴ Scheler diz que um cachorro pode viver anos em um jardim, mas um cachorro “não tem um jardim”. Tradicionalmente, identificamos espaço com geometria, como se espaço fosse algo a ser preenchido por um objeto. Me parece que o termo espaço em Scheler é bem outra coisa. Ele é atualidade, não uma coisa separada do homem (mas já era assim em Kant também). Ele é uma ontologia, que Scheler descreve assim: “[...] o espírito é o único ser que é por si mesmo incapaz de ser objetivado – ele é pura atualidade, só tem seu ser na livre realização de seus atos. [...] A pessoa só e em seus atos e através deles” (SCHELER, 2003, p. 45). Mas Schopenhauer, bem antes de Scheler havia percebido que,

O animal apenas tem ideia da morte quando morre; o homem caminha todos os dias para ela com pleno conhecimento, e esta consciência derrama sobre a vida um tinto de melancólica gravidade, mesmo para aquele que não compreendeu ainda que ela é feita de uma sucessão de aniquilamentos (SCHOPENHAUER, 2011, p. 45).

Ainda me resta aqui apontar como o corpo se situa na *Vorstellung* (Representação). E o faço com uma passagem que acho revelatória em nosso autor, em que relaciona corpo à vontade (Wille):

Enfim, o conhecimento que tenho da minha vontade, embora imediato, é inseparável do conhecimento que tenho do meu corpo. Não conheço a minha vontade na sua totalidade; não conheço na sua unidade mais do que a conheço perfeitamente na sua essência; ela apenas me aparece nos seus atos isolados, por consequência no tempo, que é a forma fenomenal do meu corpo, como de todo objeto: além disso o meu corpo é a condição do conhecimento de minha vontade. Não posso, para falar com rigor, representar-me essa vontade sem meu corpo (SCHOPENHAUER, 2011, p. 111).

Desse ponto em diante nosso autor passa a entrar nos conflitos que envolvem sujeito, objeto e representação. Parte deles já discutidos também até aqui, mas que evitei porque não posso reduzir os filosóficos que Schopenhauer aborda a poucas laudas. E nem conseguiria pelos motivos que já apontei acima: a minha enorme ignorância e despreparo diante de um autor gigantesco, um filisteu de nossa cultura, como diria Nietzsche. Tive, portanto, que fazer escolhas. Se eu conseguir avançar, postarei ainda essa percepção e os possíveis erros de interpretação que eu possa ter cometido nessa minha análise inicial. Mas também não escrevi porque não quis errar. Está, todavia, claro que Schopenhauer vê o corpo como um poço inclinado ao desejo, ao Eros como diz Platão, e dessa vontade, desse desejo, surgem as nossas frustrações. O desejo não cessa e se não soubermos como lidar com ele, ele virará algo como uma droga em nossas vidas. Vejamos, por exemplo, essa passagem:

Novamente, há a insaciabilidade de cada vontade individual; toda vez que é satisfeita um novo desejo é engendrado, e não há fim para seus desejos eternamente insaciáveis. Isso acontece porque a Vontade, tomada em si mesma, é a soberana de todos os mundos: como tudo lhe pertence, não se satisfaz com uma parcela de qualquer coisa, mas apenas como o todo, o qual, entretanto, é infinito. Devemos elevar nossa paixão quando consideramos quão minúscula a Vontade – essa soberana do mundo – torna-se quando toma a forma de um

⁴ SCHELER, **A posição do homem no cosmos**, nas páginas 43 e 44 ele discorre sobre esses aspectos.

indivíduo; normalmente apenas o que basta para manter o corpo. Por isso o homem é tão miserável.⁵

Sempre tive convicção de que só quem entra em campo e digladiava filosoficamente com o corpo está mais sujeito a incertezas e erros que as convicções seguras, kantianas e científicas, de nossa tradição.⁶ Por último, percebo que Schopenhauer incorpora elementos orientais em sua filosofia. Pelo menos os valoriza. Mas até aqui não sei dizer se ele era mesmo budista praticante, como já li e ouvi de várias pessoas. Parece não ser o caso. O que se percebe é uma inclinação à tradição oriental budista e taoísta, se é que minhas palavras fazem jus ao que o autor pensou sobre o tema.⁷ Também não me convence a afirmação rasteira que o classifica como ateu. O que seria um ateu? Alguém que não confessa abertamente nenhum credo é um ateu, em sentido prático e comum. Mas isso faz jus à questão tão difícil de responder?⁸ Em Schopenhauer, as representações religiosas são vistas como elementos culturais de grande envergadura, como naquele texto sobre “A tradição cristã”, em que ele discorre sobre os elementos gerais das religiões, conforme ele, a tradição cristã não tem nada de diferente das orientais em que aparece o Tao. Mas Schopenhauer condena justamente o fato de o cristianismo ter transformado a história de seu surgimento em um elemento dogmático e constituidor de seu dogma.⁹

REFERÊNCIA

⁵ https://www.pensador.com/textos_de_schopenhauer/. Acesso em 08/05/2020.

⁶ Maurice Merleau-Ponty falava em “ontologia da carne”. Assim escreve: “A unidade da coisa não é se encontra por trás de cada uma de suas qualidades: ela é reafirmada por cada uma delas, cada um delas é a coisa inteira. Cézanne dizia que devemos poder pintar o cheiro das árvores”, MERLEAU-PONTY, Maurice, **Conversas – 1948**. Tradução de Fábio e Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 22.

⁷ Há muitas evidências disso. Pelo menos é notório que grande parte de seus textos tratam de Desejo e as dores daí decorrentes ao corpo. Por exemplo, “Daquilo que se é”, (capítulo II), SCHOPENHAUER, 2014, Capítulo II, páginas 18-44.

⁸ Deveríamos afastar também a ideia muito difundida nos cursos ginásianos sobre a história da filosofia, em que Schopenhauer é retratado como pessimista. Para desfazer essa visão rasa e ginásiana vale ver o seguinte texto: <https://textosparareflexao.blogspot.com/2015/03/o-deus-de-schopenhauer.html>. Acessado em 14/04/2020.

⁹ Falo de um texto de poucas páginas, na qual Schopenhauer faz uma análise muito interessante de sua visão sobre o essencial das representações religiosas. Vejamos essa passagem, que deixarei no rodapé em função de não ter uma relação direta com o nosso assunto mais de perto. Mas dá uma ideia de quanto ele entendia e de como via o problema da tradição cristã se comparada a outras. “O cristianismo tem essa desvantagem peculiar de que, ao contrário de outras religiões, não é um sistema doutrinário puro: sua principal e essencial característica consiste em se tratar de uma história, uma série de eventos, uma coleção de fatos, um testemunho dos atos e das dores de indivíduos: é essa história que constitui o dogma, e a crença nesta a salvação. Outras religiões – por exemplo, o budismo – têm, é verdade, apêndices históricos, a saber, a vida de seus fundadores: isso, entretanto, não é uma parte, uma parcela do dogma, mas é incorporada juntamente. Por exemplo, o Lalita-Vistara pode ser comparado com o Evangelho, visto que contém a vida de Sakya-muni, o buda do período atual da história mundial: mas isso é algo bastante à parte e diferente do dogma, do sistema em si; e por esta razão: as vivências dos budas antigos foram substancialmente diferentes e as dos do futuro também serão diferentes das do buda de hoje. O dogma absolutamente não se confunde com a carreira de seu fundador; este não se sustenta em pessoas ou eventos individuais; é algo universal e igualmente válido em todos os tempos. O Lalita-Vistara não é, portanto, um evangelho no sentido cristão da palavra; não é a jubilosa mensagem de um ato de redenção; é a carreira daquele que demonstrou como cada qual pode redimir-se a si próprio. A constituição histórica do cristianismo faz os chineses rirem dos missionários enquanto contadores de histórias”.

Este opúsculo foi escrito em 1851. Disponível em: <http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2015/01/O-Sistema-Crist%C3%A3o.pdf>. Acessado em 20/04/2020. Também neste domínio o texto está disponível: https://drive.google.com/drive/folders/0B_xg4Qsh7lhENXZnV2FwVGlRjQ. Acessado em 08/05/2020.

KENNY, Anthony. **História Concisa da Filosofia Ocidental**. Tradução de Desidério Murcho et. all. Revisão Científica de Desidério Murcho, membro da Sociedade Portuguesa de Filosofia. Lisboa: Temas e Debates — Actividades Editoriais, LTDA, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas – 1948**. Tradução de Fábio e Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SCHELER, Max. **A posição do homem no cosmos**. Com tradução e apresentação de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 2003. (Coleção: Fundamentos do Saber)

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Tradução de Pedro Süssekind. Porto Alegre: LP&M, 2014.

_____. **Aforismos para a sabedoria de vida**. Tradução de Gabriel V. Silva. Porto Alegre: LP&M, 2014. Há versões eletrônicas em pdf, por exemplo no seguinte sítio: https://drive.google.com/drive/folders/0B_xg4Qsh7lhENXZnV2FwVGIsRjQ. Acesso realizado em 11/05/2020.

_____. **O mundo como vontade e representação**. 4ª reimpressão com tradução de M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.